

O DIVERSO E O DIFERENTE: PARA ALÉM DA UTOPIA

EVANDRO NOGUEIRA DE OLIVEIRA

Curso de Educação Física
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, (CAMEAM/UERN) Pau dos Ferros – RN
Bolsista PIBID CEF/CAMEAM/UERN
E-mail: evandro.eno@gmail.com

FERNANDA DE OLIVEIRA SILVA

Curso de Educação Física
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, (CAMEAM/UERN) Pau dos Ferros – RN
Bolsista PIBID CEF/CAMEAM/UERN
E-mail: nandamadrid5@hotmail.com

FRANCISCO ALVES DE ALENCAR

Curso de Educação Física
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, (CAMEAM/UERN) Pau dos Ferros – RN
Bolsista PIBID CEF/CAMEAM/UERN
E-mail: alvinhoalencar2011@hotmail.com

FRANCISCO ANDERSON DIAS DE FREITAS

Curso de Educação Física
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, (CAMEAM/UERN) Pau dos Ferros – RN
Bolsista PIBID CEF/CAMEAM/UERN
E-mail: ander-dias-freitas@hotmail.com

RESUMO

Todos têm o direito a uma educação de qualidade, e que isso não seja feito através da seleção de diferenças ou condições. A Educação Física Escolar (EFE) carece de um trato direcionado, a inclusão, capaz de lidar com as diversidades do âmbito escolar. Neste sentido, urge a necessidade de uma ressignificação do processo educacional como um todo, mas especificamente no âmbito da EFE por ser uma área tão negligenciada. Dessa forma surgem questões de interesse na pesquisa: Porque somos excluídos? Será que está havendo alguma ambiguidade enquanto o papel da escola? Porque somos separados por sexo, habilidades, fenótipos e capacidades físicas? A partir dessas problemáticas buscaremos novas visões inclusivas para o trato da educação física na escola. Para tanto recorreremos a estudos antigos e recentes sobre a temática, que nos apontam caminhos pedagógicos claros no ensino da diversidade e que poderão elucidar algumas dúvidas ao decorrer do trabalho. A existência da exclusão nas aulas de educação física é atribuída à cultura que cada indivíduo está inserido, justificando-se pelo fato de que cada grupo social possui características específicas e modos diferentes de viver. Sendo assim, mostrou-se que é de extrema importância o ensino respeitando a diversidade nas aulas de EFE. Com isso, evidencia-se a necessidade de verificar uma ação docente que esteja distante dos parâmetros seletivos da sociedade hodierna, sejam elas elencadas por habilidades, estereótipos, sexo, religião entre outras. Dessa maneira poderíamos dizer que o ensino para a diversidade é capaz de promover um sujeito crítico e ativo perante a sociedade. Contudo procuramos elencar a importância de uma EFE enquanto promotora da inclusão na escola e na formação do sujeito na sociedade.

Quando incluímos alguém estamos adquirindo uma diversidade de informações, vivências e cultura, sendo que é fundamental para despertamos um senso crítico e autônomo nos alunos. A prática da aceitação a diversidade deve ser encarada como algo comum aos olhos da sociedade.

Palavras chaves: *Inclusão, Educação Física Escolar, Diversidade.*

1. INTRODUÇÃO

O processo de inclusão é uma tarefa árdua e um dos caminhos a ser trilhado na contemporaneidade. Sendo assim, é de extraordinária necessidade incluir todos os indivíduos no processo de socialização e educação independentemente de raça, cor, sexo, cultura e diferenças individuais. Assim a Declaração de Salamanca (1994) prevê que:

Escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas proveem uma educação efetiva à maioria das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional. (idem, ibidem, p. 09)

No âmbito escolar esta perspectiva inclusiva deve ser devidamente efetivada, uma vez que, a mesma trabalha com os mais variados tipos de sujeitos, e se trata de um local onde os indivíduos que fazem parte dela, devem se sentir aceitos e protegidos. Dessa forma, a escola que trabalha sob uma orientação inclusiva proporcionará uma formação social efetiva e de qualidade tanto aos seus alunos, quanto a comunidade escolar, conseqüentemente a sociedade.

Ao se tratar da Educação Física Escolar (EFE) o trato da inclusão é fator primordial para que se exista a aula de Educação Física nas escolas, pois esta, muitas das vezes é uma disciplina que seleciona estereótipos para a sua prática, como será tratado posteriormente nesse estudo, além de existirem alunos que trazem consigo o medo de errar, a falta de jeito na realização de determinadas tarefas e, conseqüentemente, a sensação de incompetência. Desse modo Daolio (1996) nos relata sobre uma EFE limitada por seletividades:

Essa tradição cultural, no entanto, tem se mostrado perversa para um grande contingente de alunos, que estão sendo alijados da Educação Física ou sendo subjugados nas aulas, em nome de uma excelência motora que só alguns são capazes. É comum ouvirmos pessoas adultas falando de sua experiência de Educação Física com muita tristeza ou com muita raiva. Pessoas que ficaram à margem das aulas, e que não possuem hoje autonomia para usufruir da cultura corporal. (idem, ibidem, p. 41).

Todos têm o direito a uma educação de qualidade e que isso não seja feito através da seleção de diferenças ou condições. A escola é uma das responsáveis pela formação de um cidadão ativo socialmente, fazendo deste aluno um sujeito capaz de criar seu próprio futuro. Deste modo, surge a necessidade de verificar a importância de uma prática para uma Educação Física inclusiva pautada na pluralidade.

É corriqueiro em algum momento da vida um indivíduo sentir-se excluído ou incapaz de realizar algumas tarefas; em se tratando de EFE isso se torna mais comum ainda, onde a mesma, muitas vezes, não proporciona aulas homogêneas, na qual o diverso e o diferente não sejam apenas coadjuvantes, selecionando estereótipos para sua prática. Sabendo-se da existência desse impasse, surgem questões de interesse na pesquisa. Porque somos excluídos? Será que está havendo alguma ambiguidade enquanto o papel da escola? Porque somos separados por sexo, habilidades, fenótipos e capacidades físicas? A partir dessas problemáticas buscaremos novas visões inclusivas para o trato da educação física na escola.

Objetivamos com tudo analisar as possíveis contribuições da EFE no processo educacional como um todo, possibilitando a inclusão e a aceitação ao próximo. Para tanto, verificaremos, através de estudos bibliográficos, a prática pedagógica inclusiva e diversificada no trato da Educação Física, assim como formadora de um cidadão crítico e ativo socialmente.

É possível acreditar em mudanças significativas nas aulas de Educação Física, e confiar na inclusão e no trabalho tanto dos professores, alunos, assim como de toda comunidade escolar. E que dessa forma, concretize-se uma Educação Física plural, bem como se construa uma disciplina capaz de desenvolver um cidadão crítico, que interfira em seu meio modificando certas concepções e posturas de sua sociedade. Destarte, Gonçalves e Azevedo (2007, p. 202) nos mostram o papel da Educação Física enquanto formadora da criticidade do aluno, afirmando que:

A Educação Física tem um papel primordial na busca por concepções que visem à emancipação corporal e sua ressignificação, intermediados por um discurso crítico da realidade em que o indivíduo está inserido, não se portando como mera reprodutora, para que mudanças efetivas nos atuais paradigmas que norteiam o corpo possam ser concretizadas e, assim, combater os mecanismos de reprodução dos padrões estéticos referidos e conferir novas formas de interação entre o homem e seu corpo.

Formar pensadores, sujeitos ativos socialmente, conhecedores e críticos da atual sociedade, torna-se mais do que um objetivo, passando a ser essencial na prática pedagógica do professor. Neste sentido, urge a necessidade de uma ressignificação do processo

educacional como um todo, mas especificamente no âmbito da EFE por ser uma área tão negligenciada, partindo de uma perspectiva de inclusão social, aceitação do outro e respeito à diversidade, que se configura em características tão acentuadas em nossas escolas.

2. O PARADIGMA DA INCLUSÃO: UM DESAFIO PARA A EFE

Uma nova tendência surge na educação – inclusiva – o que pode gerar divergências entre os professores que apresentam dificuldades de trabalhar com os diversos tipos de alunos, onde segundo Chicon (2008) esses apresentam as mais diferentes formas de habilidades, capacidades, comportamentos e histórias de vida.

O processo de inclusão na EFE é rodeado por dificuldades, uma vez que esta no âmbito escolar busca selecionar “os melhores” para prática dos esportes.¹ A educação física então a partir dessa prática seletiva é trabalhada com bases militaristas juntamente com tendências tecnicistas de ensino. Dessa forma, não podemos afirmar que as tendências tecnicistas nada ensinam sobre diversidade, mas sim, que tal conhecimento transmitido por esta tendência, não se articula com os processos de inclusão tão sonhados nas aulas de educação física, pois se trata de uma educação física onde se atribui a eliminação dos menos habilidosos, restando assim somente à parcela dos considerados aptos e habilidosos a praticarem os esportes. Para Soares et al. (1992) resume-se em construir um projeto de homem disciplinado, obediente, submisso, profundo respeitador a hierarquia social, em suma um ser passivo perante a sociedade.

Fortalecendo essa ideia, sobre o conhecimento tratado pela tendência tecnicista de ensino, Libâneo (1985, p. 16) relata que:

A escola atua, assim, no aperfeiçoamento da ordem social vigente (o sistema capitalista), articulando-se diretamente com o sistema produtivo; para tanto, emprega a ciência da mudança de comportamento, ou seja, a tecnologia comportamental. Seu interesse imediato é o de produzir indivíduos "competentes" para o mercado de trabalho, transmitindo, eficientemente, informações precisas, objetivas e rápidas.

A relação professor/aluno na tendência tecnicista afasta-se do ensino ideal, na qual o professor nesse contexto é visto como treinador, assim o objetivo do mesmo é selecionar os

¹ Reportamo-nos ao conteúdo esporte, por este está presente no imaginário social, onde delinea-se como sendo o conteúdo hegemônico da Educação Física Escolar, deixando em segundo plano os conteúdos da cultura corporal tratados por Soares et al. (1992) que são dança, jogo, ginástica e luta.

melhores para a prática. Corroborando com essa ideia, Brasil (2006) nos fala sobre o papel que o aluno que assume nesta perspectiva de ensino o binômio aluno-atleta, ressaltando que estes dentro do universo escolar são formados por uma pequena parte, a dos que se encaixam aos estereótipos exigidos pelo professor. Nessa conjuntura Soares et al. (1992, p.54) descrevem que “o esporte determina, o conteúdo de ensino da Educação Física, estabelecendo também novas relações entre professor e aluno, que passam da relação professor-instrutor e aluno-recruta pra a de professor-treinador e aluno-atleta”.

É evidente que o esporte performance no âmbito escolar nos afasta do tão almejado caminho para inclusão, não possibilitando uma visão de um todo, selecionando assim estereótipos para a sua prática uma vez que o mesmo visa a obtenção de resultados, restringindo-se no que diz respeito a enxergar ao próximo com suas limitações, conforme afirmam Aguiar e Duarte (2005, p. 225):

A prática desportiva, quando usada sem os princípios da inclusão, é uma atividade que não favorece a cooperação, que não valoriza a diversidade e que pode gerar sentimentos de satisfação e de frustração. Essa cultura competitiva constitui uma fonte de exclusão e pode se consistir numa barreira à educação inclusiva.

A partir do quadro descrito anteriormente, a inclusão é um processo que deve estar envolto em todas as instituições de ensino, uma vez que o mesmo envolve dinamismo, mudanças de atitudes e muita reflexão em torno da escola e da sociedade (CARVALHO, 1998). Os profissionais da educação devem está inteiramente atentos as suas práticas pedagógicas, não permitindo em hipótese alguma que aconteça o ato de desrespeito, preconceito e exclusões entre os alunos, portanto, esta interferência não fica a cargo somente do professor, mas sim de toda comunidade escolar.

O trato metodológico na educação física é diversificado e pode ser trabalhado de inúmeras formas a partir de abordagens que norteiam a EFE. Vale ressaltar que não existem abordagens pré-definidas para se trabalhar em sala de aula, a questão em si é como aplicar cada uma delas, de forma que os alunos não fiquem dispersos ou excluídos.

O professor de Educação Física assume uma função especial, pela proximidade, pelo espaço e pela interação direta que tem com os seus alunos; ele tem a possibilidade de desenvolver um olhar diferente sobre o processo ensino-aprendizagem, garantindo que todos os alunos participem plenamente na sociedade e que tenham igualdade de oportunidades (SANTOS, 2003, p. 83).

O importante de trabalhar com a inclusão é fazer com que a diversidade seja encarada como algo comum e natural, por exemplo: não permitir que os alunos que tenham o peso acima do normal e os menos habilidosos fiquem somente na posição de espectador, e ao participar da aula não sejam alvo de desrespeito por parte daqueles mais habilidosos. Tudo faz parte de um diálogo que precisa ser mantido entre professor e aluno, ou seja, fazer com que o aluno entenda que conviver com as diferenças é respeitar o próximo e a si mesmo.

Para que a inclusão nas aulas de EFE seja mais efetiva, a participação do aluno deve ser de forma espontânea e de maneira lúdica, para isso, o professor deve apresentar diversas atividades da cultura corporal, de modo flexível, fazendo com que o aluno construa a sua própria identidade.

O aluno precisa vivenciar a cultura corporal em sua totalidade, para que se desenvolva através dos conteúdos da Educação Física, um indivíduo capaz de entender os problemas sociais buscando soluções e alternativas de mudanças, que possibilitem um desenvolvimento integral deste aluno, no que diz respeito aos aspectos sociais, afetivos, cognitivos e motores.

3. ROSA OU AZUL: COM QUE COR EU VOU?

Desde os primórdios da sociedade, a divisão sempre foi clara em relação às mulheres e homens. Esse último assumiu uma posição superior em relação à mulher perante a sociedade. Essa problemática atravessa décadas e atualmente faz parte do quadro educacional, assim representa na maioria das vezes um problema para os docentes que sentem dificuldades ou não sabem lidar com este impasse.

Dentre os muitos fatores que rodeiam as discussões sobre o ensino para a diversidade, aprofundaremos as discussões sobre gênero e sexualidade tratado na EFE.

Na escola comumente são vistos grupos, um deles e bem distinto, é a divisão por gêneros sexuais, o que aparenta acontecer quase que instintivamente. Esta cultura repassada desde o nascimento, ao todo longo da vida de um sujeito, faz com que os mesmos tenham uma visão quase sempre restrita do próximo, que não permita enxergar os outros enquanto suas diferenças e características subjetivas. Portanto, o acontecimento deste episódio na EFE dar-se então pelo fato de existirem atividades culturalmente femininas e outras masculinas, como por exemplo: o futebol e a dança. Esta visão redutora conduz a certas ações, inclusive a criação de um entendimento de que existiriam atividades culturalmente masculinas e femininas, pautadas em critérios biologicistas, como o futebol, para os homens e a dança, para as

mulheres. Estas atividades em sua maioria põem à prova a sexualidade dos sujeitos, pelo fato de se terem algumas atividades, presentes no imaginário social, que são destinadas na grande maioria somente para meninos e outras para meninas. Assim, muitas vezes, os impedem de praticá-las por medo ou receio das reações em que os colegas terão a respeito do mesmo. Sendo assim, Kunz et al. (apud CARVALHO et al., 2010) mencionam que estas questões encontram-se muitas vezes presentes nas aulas de Educação Física, à medida que opõem os meninos, como mais fortes, mais rápidos, mais habilidosos, às meninas, tidas como mais frágeis, dóceis, mais flexíveis, porém menos capazes de desenvolver certas habilidades requeridas para a prática do esporte.

No que se diz respeito à perspectiva do sexo feminino ainda ser considerada frágil pelo imaginário social, fazendo com que as mesmas sejam excluídas de algumas atividades por não possuírem rigor físico adequado a tal, ou no mesmo aspecto, pode-se atribuir para os diferentes fenótipos existentes nas aulas de Educação Física que não são considerados capazes. Dessa forma, sobre o processo de exclusão, no que diz respeito, as questões de gênero sexual, Sousa e Altmann (1999, p. 56), relatam que:

Não se pode concluir que as meninas são excluídas de jogos apenas por questões de gênero, pois o critério de exclusão não é exatamente o fato de elas serem mulheres, mas por serem consideradas mais fracas e menos habilidosas que seus colegas ou mesmo que outras colegas. Ademais, meninas não são as únicas excluídas, pois os meninos mais novos e os considerados fracos ou maus jogadores frequentam bancos de reserva durante aulas e recreios, e em quadra recebem a bola com menor frequência até mesmo do que algumas meninas.

Os autores supracitados evidenciam em seu texto o preconceito existente em relação às meninas em praticarem determinadas atividades, sejam esportivas ou de outro caráter, pelo fato dessas atividades quase sempre exigirem rigor físico. O mesmo acontece na dança, por exemplo, onde exige muitas das vezes leveza dos movimentos, o que culturalmente para os meninos torna-se indicativo de homossexualidade. Rompendo com esse paradigma imposto sobre a dança, Garaudy (apud LEITÃO e SOUZA, 1995, p. 251) discorre afirmando que “dançar é vivenciar e exprimir com o máximo de intensidade a relação do homem com a natureza, com a sociedade, com o futuro e com seus deuses”.

Considera-se então que o ensino da educação física através de aulas mistas deve ser tomado como princípio para os professores na atualidade, Brasil (1998, p. 42) expõe que:

As aulas mistas de Educação Física podem dar oportunidade para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças,

de forma a não reproduzir, de forma estereotipada, relações sociais autoritárias. (BRASIL, 1998, p.42)

A existência do preconceito de gêneros nas aulas de educação física é atribuída à cultura que cada indivíduo está inserido, justificando-se pelo fato de que cada grupo social possui características específicas e modos diferentes de viver. As evidências disso estão no fato de que os meninos tem uma “liberdade” maior que as meninas, onde na maioria das vezes eles brincam na rua mais cedo, as brincadeiras são mais “violentas” se comparadas com as das meninas, que muitas vezes se limitam a ficar dentro de casa brincando com bonecas e ursos de pelúcia, o que impede uma cultura lúdica com vivências amplas. Neste sentido, Carvalho et al. (2010, p. 28) relata:

Frequentemente ouve-se dizer que “futebol é coisa de menino!”. Nesta frase popular percebe-se como a questão de gênero é taxativa para cada sexo, à medida que na maioria das vezes as brincadeiras e os jogos dos meninos são feitos na rua ou envolvem competição, tais como jogar bola de gude, pipa, futebol. Enquanto para as meninas existe a dança, a brincadeira de casinha e de boneca, o pular corda. Desta forma, é incontestável que o meio interfere nas relações homem/mulher uma vez que a cultura determina nossos pensamentos e maneiras de agir.

O papel do professor, seja ele de Educação Física ou qualquer outra disciplina, é não permitir que tais diferenças reflitam em preconceitos nas aulas e que os alunos saibam lidar com a diversidade com vista na participação de ambos os sexos promovendo então a interação, cooperação e a solidariedade, desenvolvendo um agir significativo para a aceitação do próximo, através da educação para a diversidade.

4. CONSTRUINDO, DESCONSTRUINDO E RESSIGNIFICANDO A EFE PARA ALÉM DO FAZER

O imaginário social criou uma visão simplista no que se diz respeito ao papel das aulas de Educação Física, onde a mesma nesta visão assume a característica de se construir como um local para o lazer e a recreação. Para Libâneo (2002) ela vai além desse pensamento, e se materializa num lugar ideal para desenvolver habilidades, cooperação, afetividade, solidariedade e autonomia. Para tanto o professor deve tornar-se mediador para esta conquista pois, a partir do momento em que o aluno consegue visualizar o sentido de uma Educação Física para todos, ele conseguirá vislumbrar valores como os mencionados anteriormente,

sendo assim, desenvolvendo a capacidade de aceitar o seu semelhante. A cerca do assunto Araújo e Santos (2009, p.17) citam:

A Educação Física tem um papel de muita importância na formação de valores do aluno, devido a situações que acontecem na aula, mas se o professor não tiver autonomia e atitudes que possam trabalhar essas características a disciplina passa a perder seu significado.

Sendo assim, é de suma importância procurar tomar conhecimento sobre quem é o seu aluno, pois esse processo faz enorme diferença e facilitam o ensino. Questões tais como: Qual meio social ele estava inserido? Quem é ele? Quais costumes ele tem? Podem facilitar o trabalho do professor-aluno e aluno-professor.

Partindo dessa perspectiva, poder-se-ia dizer que a EFE é um dos meios para desenvolver no aluno um pensamento crítico e reflexivo. A EFE é cercada por uma diversidade de atividades corporais, que proporcionam a interação entre o professor e todos os seus alunos e que permitem através do corpo em movimento aprender sobre a diversidade. Assim, propõe-se que as aulas de EFE partam de uma premissa pautada em Educação Física Plural, onde:

A Educação Física Plural deve abarcar todas as formas da chamada cultura corporal - jogos, esportes, danças, ginásticas e lutas - e, ao mesmo tempo, deve abranger todos os alunos. Obviamente, que seu objetivo não será a aptidão física dos alunos, nem a busca de um melhor rendimento esportivo. Os elementos da cultura corporal serão tratados como conhecimentos a serem sistematizados e reconstruídos pelos alunos (DAOLIO, 1996, p. 41).

Sendo assim, o professor deve tornar-se mediador no ensino da diversidade impulsionando o aluno a ser um indivíduo capaz de aceitar ao próximo independente das suas diferenças.

Como mencionado anteriormente a Educação Física apresenta um conteúdo diversificado, onde segundo Soares et al. (1992, p. 50), “a Educação Física é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica e lutas formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal,” servindo assim para o ensino da diversidade e inclusão. Atividades essas que, por sua vez, caracterizam-se em práticas passíveis de mudanças em suas regras e de fáceis adaptações aos ambientes, assim abrindo um leque de oportunidades para a interação de todos, desse modo os alunos decidem em conjunto as regras que se adaptem a todos. Outra forma de se trabalhar essas atividades é propor que os

alunos formem seus próprios grupos e que trabalhem em equipe. Portanto o trabalho a partir de uma perspectiva inclusiva carece de ser um caminho contínuo a ser trabalhado pelo professor na atualidade. Soares et al. (1992) elenca diversas formas de se trabalhar os jogos, ressaltando ainda a importância dos mesmos no processo pedagógico e no ensino a diversidade:

Num programa de jogos para as diversas séries, é importante que os conteúdos dos mesmos sejam selecionados, considerando a memória lúdica da comunidade em que o aluno vive e oferecendo-lhe ainda o conhecimento dos jogos das diversas regiões brasileiras e de outros países (SOARES et al., 1992, p.67).

Outra prática bastante interessante e promissora consiste em introduzir questões sociais para serem discutidas em sala de aula, este exercício pode ajudar e muito na formação do cidadão, fazer com que os alunos se sintam atraídos e posicionem-se de forma crítica por temas tais como: a diversidade, os problemas sociais, política, entre outros, é um passo primordial na formação social de qualquer sujeito. Esta formação além de proporcionar o desenvolvimento de um sujeito autônomo é transformadora de um pensamento social que corresponde no caso ao imaginário da sociedade oprimida, pois cada indivíduo que participa do processo de formação crítica passa a ver um novo contexto social, diferente daquele em que estava inserido. Os alunos dessa forma são atingidos por uma visão crítica e reflexiva da sociedade com a ajuda do professor.

Dessa forma, a EFE estaria se reinventando rumo à inclusão. O professor como mediador nesse processo é de suma importância para a aprendizagem e formação do aluno enquanto sujeito ativo e transformador da sociedade. Torna-se imprescindível então o uso de uma pedagogia baseada na inclusão e aceitação da diversidade, para que tenhamos uma educação de fato para todos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado no exposto considera-se o processo inclusivo indispensável na escola, assim como nas aulas de EFE. Incluir é algo que se deve trabalhar de forma mais ampla, para proporcionar uma visão de um todo no que se diz respeito a diversidade de pessoas existentes na escolas e na sociedade em geral, deste modo, garantir uma aula onde todos possam expor suas opiniões, propondo caminhos, discussões, soluções é de suma importância para a

formação do sujeito na contemporaneidade. Quando incluímos alguém estamos adquirindo uma diversidade de informações, vivências e cultura. Assim, Daolio (1996, p.41) nos propõe uma Educação Física Plural:

Cuja condição mínima e primeira é que as aulas atinjam todos os alunos, sem discriminação dos menos hábeis, ou das meninas, ou dos gordinhos, dos baixinhos, dos mais lentos. Esta Educação Física Plural parte do pressuposto que os alunos são diferentes, recusando o binômio igualdade/desigualdade para compará-los. Sendo eles diferentes e tendo a aula que alcançar todos os alunos, alguns padrões de aula terão que, necessariamente, ser reavaliados. Parece que é o que vem acontecendo com as aulas mistas. Os professores, não sem dificuldades, tem lidado com as diferenças entre meninos e meninas. (DAOLIO, 1996, p. 41)

A EFE vista como uma prática inclusiva necessita ganhar espaço nas escolas. O papel do professor do século XXI é incutir nos seus alunos o pensamento que a aceitação do próximo e a diversidade devem ser uma prática constante e diária, pois, quando mais incluímos as pessoas em nossas relações, mais aprimoramos nossos conhecimentos sobre mundo.

A EFE vista em uma perspectiva inclusiva caracteriza-se como um grande passo para o desenvolvimento da sociedade, uma vez que a mesma trabalha com o movimento, e através deste conseguimos nos comunicar com o mundo, pois o movimento é uma linguagem mundial, portanto, não importa o lugar onde estejamos, quem sejamos, teremos sempre que respeitar e aceitar as diferenças. Esse é um caminho a ser trilhado por todos os educadores, pois a prática da aceitação a diversidade deve ser encarado como algo comum aos olhos da sociedade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, J. S. de e DUARTE, É. Educação inclusiva: um estudo na área da educação física. **Rev. bras. educ. espec.** [online]. 2005, vol.11, n.2, pp. 223-240. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/4818/educacao-inclusiva-um-estudo-na-area-da-educacao-fisica>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

ARAÚJO, L. C, e SANTOS, V. C. dos. **A importância da Educação Física Escolar na Formação Social dos Alunos da Educação Infantil**. Universidade Estácio de Sá – Rio de Janeiro. Boletimef, 2009.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares** / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC /SEF/SEESP, 1998.

_____. Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1).

CARVALHO, E. R. **Temas em educação especial**. Rio de Janeiro: WVA, 1998.

CARVALHO et al., Educação física escolar: uma reflexão acerca da participação de meninos e meninas nas aulas de educação física. Cadernos de graduação - Ciências Biológicas e da Saúde, Vol. 11, n. 11 pp. 23-44, 2010. Disponível em: http://www.unit.br/Publica/2010-1/BS_EDUCACAO_FISICA.pdf. Acesso em: 05 de julho 2012.

CHICON, J.F. Inclusão e Exclusão no Contexto da Educação Física Escolar. **Rev. Movimento** – Porto Alegre. Vol. 14; nº 0, pp.13-38, 2008. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3760>. Acesso em: 31 de janeiro de 2012.

DAOLIO, J. Educação Física Escolar: em busca da pluralidade. **Rev. Paulista de Educação Física** - São Paulo, pp. 40-42, 1996. Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v10%20supl2%20artigo7.pdf>. Acesso em: 18 de janeiro de 2012.

DECLARAÇÃO de Salamanca. **Enquadramento da Ação na Área das Necessidades Educativas Especiais. Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade**. Salamanca, 47p. 1994.

GONÇALVES A. S. G e AZEVEDO, A. A. de. Reflexões acerca do papel da a Re-Significação do Corpo pela Educação Física Escolar, face ao Estereótipo Construído na Contemporaneidade. **Pensar a Prática**, 07 set. p. 201-219, 2007. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/pef/article/view/1083>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2012.

LEITÃO E SOUZA, O homem que dança... Rev. Motrivivência. Santa Catarina, pp. 250-259, 1995. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/22623>. Acesso em: 05 de julho de 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico social dos conteúdos. São Paulo, SP: Loyola, 1985.

_____. **Adeus professor, adeus professora? : novas exigências educativas e profissão docente** / José Carlos Libâneo. – 6. ed.- São Paulo : Cortez, 2002.

SOARES et al. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SANTOS, M. Pereira dos. O papel do ensino superior na proposta de uma educação inclusiva. **Revista da Faculdade de Educação da UFF**, nº. 7, maio 2003, p.78-91. Disponível em: <http://www.lapeade.com.br/publicacoes/artigos/Paper%20UFF.pdf>. Acesso em: 19 de janeiro de 2012.

SOUZA, E. S.; ALTMANN, H. **Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar**. Caderno CEDES. Campinas, v.19, n.48, Ago. 1999. Disponível

em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ccedes/v19n48/v1948a04.pdf>. Acesso em 01 de fevereiro de 2012.